*Retalhos da vida de um Naturalista – Na selva do Congo*

*Capítulo 8*

***“Estado de espirito II”***

*Já trazia gravadas no meu coração as músicas que iriam ser tocadas durante o caminho solitário que iria percorrer na selva do Congo.*

*Tal como um leitor de música digital, as melodias surgiriam numa ordem aliatória, no entanto soariam inesperadamente, isto é, sem que o botão do “play” fosse acionado.*

*Não sei se a estória contada pélo escritor Paul Auster no livro “A música do acaso” era baseada numa personagem real. Contudo a raiz do pensamento que o levou a pensar na construção da personagem principal do curto romance, era nutrida por um substracto real. A semente tinha sido plantada no seu ser...*

*O sentimento de aproximação a esse personagem ”ficcional” não era intrínseco ao agora, a este preciso momento em que escrevo estas palavras enquanto espero que a chuva pare de tamborilar no duplo tecto da tenda de campismo onde me abrigo.*

*Não sei já quantas seriam vezes tinha sido eu gazeado com os toxicos vapores do livro em questão; mas julgo perceber o estado de espírito em que me encontrava e me encontro quando o meu arquivo musical / sonoro começa a tocar pedaços de músicas aletórias (...) – solidão! Sim, Solidão, a devastadora solidão dos seres humanos; intrinsecamente Humana (...) que inadevertidamente sinto, sentimos, estejamos nós sentados à mesa rodeados da nossa família, ou como eu aqui, sozinho, circulando pelo sistema cardio vascular do coração do mundo (a selva do Congo).*

*A música é um sonho que nos pode despertar para o pesadelo da realidade.*

*Continua a chover. Doí-me as costas; roi-o as unhas. Penso ligeiramente no programa do dia de trabalho, nas pilhas da minha lanterna que uso para poder escrever e que estão a ficar fracas. São 08:33 da manhã. Estico-me ao comprido no chão da tenda e digo ao meu corpo para se ajustar às irregularidades do solo. Desliza um verme na janela de rede sobre a minha cabeça; aqui e ali pequenas abelhas sem ferrão procuram uma saida ou qualquer coisa que eu não sei; entraram ontem de tarde aquando da minha chegada ao lugar predestinado para acampar. Eram milhares delas que frenéticamente zumbiam à minha volta que me cobriam a pele e as roupas transpiradas. A tarefa de desfazer a mochila e montar a tenda depois de 5 horas de caminhada com a atenção permanente sobre o chão que pisávamos tornava-se agora uma corrida contra relógio e um desafio à concentração para executar a tarefa (fosse ela qual fosse) debaixo de uma nuvem de pequenos insectos que me cobriam e cujo o cheiro que libertavam aquando de serem bruscamente afastados da pele começava a enjoar.*

*Entalo sobre as folhas deste livro*

*Um novo pedaço de memória – uma embalagem de “Thé de haute qualité”*

*Sou um forasteiro neste lugar;*

*Os sons que me chegam aos ouvidos são-me estranhos,*

*Sobretudo o dos meus irmãos – os Homens.*

*Pois o vento conheço-o eu,*

*E mesmo a pequeno invisível ave que canta debaixo da sombra das àrvores – Pitiqiriqiriripiririqiriri.*

*Também ela conhece o vento, entende-o,*

*Mas sabiamente deixa que o mundo passe à sua volta.*

*Eu, agarro o seu canto e entalo-o entre as folhas deste livro.*

*Tento-me salvar da solidão dos Homens.*

*As memórias são perigossas quando se desprendem do presente.*

*Primeiro acampamento missão 1B - 34 M 455495 9801858*